

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO III, Nº181 MARÇO - PORTO VELHO, 2005

VOLUME XII

ISSN 1517-5421

CAPA: FLAVIO DUTRA

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
FABÍOLA LINS CALDAS - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 150 EXEMPLARES

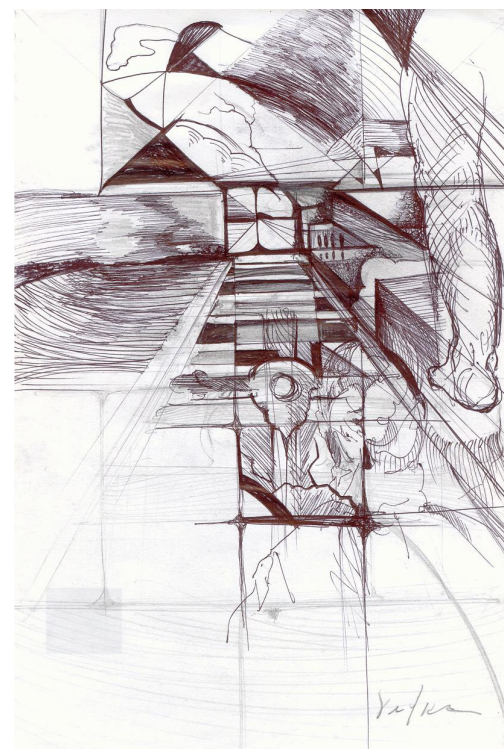
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

181



HISTÓRIA E MEMÓRIA

Alberto Lins Caldas



Alberto Lins Caldas

Professor de Teoria da História - UFRO
Centro de Hermenêutica do Presente - UFRO
caldas@unir.br

HISTÓRIA E MEMÓRIA

Sabemos, principalmente depois do século XX, ou pelo menos deveríamos saber, que a interioridade não é epifenômeno do “mundo social, econômico ou histórico”; não é reflexo nem modelo: é muito mais e muito menos: é feixe de leitura, de trajetos, de configurações singulares dos devires e cintilâncias ficcionais da comunidade: não pode representá-la: é momento singular de ficcionalidade: ao não ser reprodução, não representa a comunidade: é uma das leituras das suas configurações: das suas possibilidades narrativas, principalmente porque aquilo que chamamos mundo social ou realidade é muito mais rede viva de entrecruzamentos virtuais, ficcionalidades com sujeitos determinados e flutuantes numa práxis específica (um território virtual), que um ser natural, uma coisa com leis, estrutura e funções, equivalente ao objeto, única instância possível à lógica e à atuação da Ciência; objeto esse ainda assim fundado de antemão por fatores alheios à própria Ciência, anterior mesmo à sua ingênua objetividade; objeto que, por mais natural que pareça, é, antes de tudo, possibilitado por uma sociedade que o instaura como instância tratável por necessidades, sentidos, instrumentos, idéias, normas e métodos.

Sem esse antes e esse durante sociabilizado e historicizado não há nem sujeito, nem objeto, nem Ciência alguma. O objeto da Ciência não é algo que independa de uma ficcionalidade e seu sistema básico de crenças: sem ela não há nem o objeto nem a realidade: só há realidade para um sujeito, para uma sociedade, para o que se chama de presença: mas esses óbvios de origem, eixo e limite parecem que são absolutamente “esquecidos” por qualquer reflexão, não somente da reflexão em geral, mas, principalmente, daquela reflexão diretamente ligada às chamadas Ciências Humanas. Com esse “esquecimento” podem se instaurar como Ciência, possuindo métodos, normas, leis naturalizados e, conseqüentemente, respeitabilidade além das suas instabilidades, incertezas e imprecisões de constituição, funcionamento e validade.

A dimensão temporal da interioridade é a do presente. A atualização e a presença dessa interioridade faz parte do imediato do presente (aquilo que morde: a interioridade é uma exterioridade: só existe enquanto exteriorização já que seu fundamento é, essencialmente, comunidade, fazer e dizer: o dizer para si e, antes de tudo, um dizer para o outro). Mas sem as espessuras do presente não há interioridade, somente objeto. E não qualquer objeto, mas aquele que é mercadoria, o que vive agora para os fluxos do consumo e do consumismo. Aquele que se tornou espelho do sujeito, o espelho preferido.

Sem atravessarmos a reinstauração do sujeito pelas redes imaginárias dos objetos, não poderemos entender como o “nosso mundo” fez do presente um imediato do presente alienado e do sujeito um objeto castrado.

A partir daqui podemos entender também quanto o real se desgarra das historicidades, das composições ficcionais da sociabilidade, para se mostrar vivencialmente como coisa dada, ser natural, ente que só pode ser modificado por ação política que espere o desenrolar das coisas, seguindo as leis da ordem e do progresso ou com uma concepção revolucionária que, ao cabo do século XX, deixou as valas comuns e os cemitérios abarrotados com os que discordavam, os que aceitavam e os que nem sabiam o que acontecia.

Ao mesmo tempo o documento torna-se somente espelho do acontecimento: o espelho como imagem perfeita do natural procriando, que tanto pavor metafísico causava a Borges: nessa relação de causa e efeito se reproduz a mesma lógica geral de todo o sistema: a história mostra-se como espetáculo e a História como o espelho, a Ciência das cinzas desse espetáculo: a interioridade se perde entre sujeito objetificado e objeto desumanizado: seus textos, suas falas, suas vivências, sua narrativa fundante, sua escolha textual, tomam somente o rumo da fragmentação, da reprodução ou do ventriloquismo.

A relação entre o vivido e os textos sobre esse vivido (a teoria, o documento) é mais complexa do que tem dito as chamadas Ciências Sociais com seus esquecimentos providenciais.

O vivido é o imediato do presente, enquanto os textos são de uma espessura maior, de uma dimensão mais complexa, envolvendo mais elementos que o imediato da vivência: os textos fazem parte do conceito mais amplo ao qual chamamos presente: os textos são sempre post factum (post partum ou o Post tot tantosque labores, o “Depois de tantos e tão grandes trabalhos”, de Virgílio), o que surge depois, enquanto o vivido é aquele imediato onde acon/tece e se atualiza a vida, onde os fluxos ficcionais aparecem somente como realidade pura, universal e natural, numa constituição absolutamente independente de qualquer coisa: o nosso imediato do presente é a vivência de um sujeito no mundo do objeto e esse imediato, para nós, se torna o próprio presente, sem percebermos a profundidade e a extensão virtuais do viver social: a partir das dimensões do objeto tudo se torna restrito, clonável, unidimensional, científico: estrutura e função.

O relógio é a imagem mecânica dessa relação e dessa confusão entre a atualização e recriação do presente com sua espessura maior, com sua dimensão mais vasta: nos resta somente um tipo cada vez mais fino, cada vez menos extenso e complexo de imediato do presente: imediato sem o passado do presente.

A relação entre a narração, o texto e o vivido não pode ser direta, causa e efeito (sua legibilidade não se dá: advém somente no vão combate), mas ficcional (não aquele ficcional que entendemos como falsidade, mentira, ilusão, mas aquele que é sociabilidades coaguladas, teatro de existências, imaginário vivo formando mundo e singularidade) e, no caso das Ciências, esse texto é compreendido como aquele que diz o real, diz o vivido, sem prestar atenção na distância e na complexidade entre o vivido e o que sobre ele dizemos, de como o vivido é também “texto”, ficção, virtualidade.

O documento não pode ser, como sempre tem acontecido, referencia: o vivido não permanece: sua forma de existência, depois de acontecer, é tão somente a de uma existência textual, uma forma qualquer de narração, de texto, de ficcionalidade segunda: o documento é, necessariamente, referente por ter se constituído como objeto de discurso, presa de práticas sociais, capturado pelo desejo e pelas políticas.

O vivido, no momento do seu acontecer, não é uniforme, unilinear, visual, unifocal, mas presença viva de todas as dimensões, de todas as perspectivas, de todas as interioridades, olhos, mãos, corpos, sonhos, enganos, desejos, objetos, tecnologias.

Jamais poderemos tornar essa multiplicidade modelo metafísico de existência ou de busca: o vivido não tem espessura de existência, tem somente aparecer, são vivenciados e se esgotam nesse vivenciar, nesse degustar: os documentos, quando concebidos juridicamente, aceitam ou sintetizam perspectivas unilineares (que serão depois universalizadas) simplesmente porque enfrentar o vivido em seu fluxo seria perder a certeza científica de objeto e objetividade: seria aceitar as dimensões virtuais da ficcionalidade social: seria ter que abandonar o conceito tanto de documento, ganhando a dimensão de texto, de somente vestígio depois de se tornar discurso, quanto de História, até mesmo de Natureza, em detrimento de um conhecimento mais próximo das vivências gerais da ocidentalidade, tanto em termos de um conhecimento mais próximo quanto de um conhecimento distante.

II

A memória é composição, fluxo rítmico de anexação e criação, momento narrativo, momento textual: determinada ordem "escolhida", certa maneira de ler e dizer a experiência com e no vivido: é a experiência singular do sujeito ao dizer-se em movimento e relação: é a ficção segunda de uma vivência entre as ficcionalidades do mundo social: é a maneira singular de dizer e ordenar essas ficcionalidades: a memória é relação: como momento textual não é nem o passado nem uma narrativa definitiva: é um momento do sujeito que se traduz em ordem narrativa, em ordem de palavras: é elemento que se desdobra numa lógica de procriação similar ao cantar, ao recitar, ao sonhar.

Essa relação não se faz como cópia, reprodução, mas como criação narrativa. A relação feita, por exemplo, entre o corpo presente e o corpo passado não é relação física, mas relação de imaginários, pois o corpo, até mesmo quando o consideramos biológico, é imaginário coagulado, sociabilidade instaurada como corpo, vivida e considerada como corpo, possibilidade de infinitos corpos.

A espessura das memórias, fluxo narrativo que se integra aos fluxos ficcionais do mundo coletivo, faz parte da espessura que é o presente. Grande parte daquilo que é a dobra do presente, síntese viva entre todos os passados e suas atualizações na expressão de imediato do presente, é a memória enquanto concepção maior, além do pessoal e singular.

Dobramos e desdobramos nosso passado nas dimensões do presente com palavras e maneiras de ordenar esses textos interiores como numa espécie de "texto de ficção": texto onde se integram indistintamente em sua armação virtual e dialética, a vivência, a imaginação, o desejo, as "estratégias narrativas"; juntamente com dinâmicos e estáticos cruzamentos seletivos sejam de palavras, de temas, de imagens, idéias, sonhos, significados; onde partes inteiras da vida, do permitido e do proibido, do vergonhoso e do indizível, do aceitável, do honroso e do desonroso, do falso e do verdadeiro, do significante e do insignificante, se

interpenetram numa "única realidade", um "único texto" possível de ser dito "em condições normais": texto vivo e estereotipado, magma e signo, objeto e sujeito, tradição e singularidade, fundamento e fim de determinado vivido que jamais poderá ser novamente "visto exatamente como foi", o que seria naturalizar o "vivido e sua memória", naturalizar o "trabalho da memória", o texto, deixando de vê-los como práxis desdobrando-se em palavras e consciência possível. Principalmente porque a "memória" não acontece num espaço físico, mas numa dimensão metafórica do fora que vai para dentro e que, ao se desdobrar, aparece como encontro consigo mesmo, atualizando as dimensões do presente, da consciência e do corpo. Daí porque o referente em História não é a "memória", o "real", o "social", o "histórico" mas esse momento da interioridade textualizada, esse texto onde nasce, se movimenta e aparece o sujeito e seu mundo.

A interioridade é tão somente aquilo que está dentro, no interior, dentro de nós, aquilo que somos nós para nós mesmos. Não é fôrma, potência, arquétipo, modelo. No entanto, o dentro e o fora dependem de cada sociedade, de como entendem e vivem esse dentro e esse fora ou sua inexistência.

A interioridade ao não ser física ou biologicamente determinada, mas virtualidade viva, sociabilidade singularizada, possibilidade cultural, não tem uma estrutura, mas abertura a todas as possibilidades, a todas as leituras, todas as formas e todas as fôrmas de interioridades ou não interioridades possíveis, que possam ser criadas a partir de comunidades vivas que "introjetam" suas maneiras de ser e de deve-ser e se tornam o suporte dessa mesma interioridade, ou seu ponto de partida quando podem apreender seu fundamento.

Não existe a consciência enquanto universalidade ou sinônimo de interioridade genérica, mas somente interioridades que se referem à determinada comunidade-suporte, a determinado imaginário vivo, determinada rede viva de ficcionalidades. A pretensa forma ou estrutura da consciência é comunidade ocidental introjetada: somente a nossa mitologia criou o que podemos chamar de consciência enquanto modelo com características específicas que se dizem universais.

Aquilo que chamamos interioridade não é um ser ou um nada, muito menos estrutura, sistema, coisa ou modelo. A consciência é a específica e tradicional forma de interioridade ocidental, tipicamente cristã-burguesa, com características gerais e específicas dependendo historicamente da comunidade que a gera e a suporta, tornando-se seu limite e eixo externos, seu feixe principal de significados e possibilidade de compreensão; enquanto a memória é o desdobramento perspectivado "do que aconteceu com essa interioridade e seu corpo": é processo narrativo, texto em movimento. Ao se desdobrar a interioridade encontra-se e encontra realidades vividas que marcam sua identidade, sua extensão, sua existência, sua forma de ser e significar. Sem esse desdobramento não há tempo, consciência ou memória.

A memória são desdobramentos contínuos e singulares que garantem vários tipos de identidade. Ao mesmo tempo, sua forma de se expressar é como texto e seu "trabalho interno" para chegar a esse texto é o mesmo de um tipo de criação literária.

A memória como campo do presente não quer dizer "atualismo", mas que o presente enquanto dobra virtual tem na memória enquanto texto sobre texto, texto em movimento (interioridade em movimento, ficcionalidade viva) um dos elementos fundamentais de sua existência.

É a ficcionalidade da memória que em grande parte suporta as dimensões vivas da ficcionalidade viva do presente. Sem essa ficcionalidade o presente se tornaria tempo morto do relógio, sem profundidade, sem horizontes, sem dialeticidade e sem historicidade, numa existência naturalizada fora do vivido e da singularidade.

A memória (as memórias) é também garantia da constante modificação e permanência da dialogicidade e da polifonia, perspectivas das linguagens, nos sentidos da fala e da escrita, do corpo, das relações interpessoais e na constante criação da identidade narrativa.

Sem a existência do passado, é a memória um dos suportes das múltiplas formas de existência do presente, permitindo a continuação que reproduz as condições de vida, o equilíbrio e as referências grupais. Com isso, entendemos a memória não somente como criação pessoal, mas como construção polifônica da sociabilidade, criação coletiva que, por ser simbólica, cria as pontes que unificam e aproximam, num mesmo espaço vivido, as múltiplas dimensões da vida, as múltiplas experiências da vivência.

BIBLIOGRAFIA

ARIÈS, Philipp. O TEMPO DA HISTÓRIA. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1989.

Raymond, DIMENSIONES DE LA CONSCIENCIA HISTORICA. Fondo de Cultura, México, 1992.

BERLIN, Isaiah. VICO E HERDER. UnB, Brasília, 1982.

Ecléa. MEMÓRIA E SOCIEDADE: LEMBRANÇAS DE VELHOS. Companhia das Letras, São Paulo, 1995.

BRUNER, Jerome; WEISSER, Susan. A INVENÇÃO DO SER: A AUTOBIOGRAFIA E SUAS FORMAS. OLSON, David R.; TORRANCE, Nancy: CULTURA ESCRITA E ORALIDADE: 141-161, Ática, São Paulo, 1995.

CALDAS, Alberto Lins. ORALIDADE, TEXTO E HISTÓRIA. Loyola, São Paulo, 1999b.

ELIAS, Norbert. SOBRE O TEMPO. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1998.

FOGEL, Robert William; ELTON, G.R.. ¿CUÁL DE LOS CAMINOS AL PASADO?. Fondo de Cultura Económica, México, 1989.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. SETE AULAS SOBRE LINGUAGEM, MEMÓRIA E HISTÓRIA. Imago, Rio de Janeiro, 1997.

HALBWACHS, Maurice. A MEMÓRIA COLETIVA. Vértice, São Paulo, 1990.

PASSERINI, Luisa. MITOBIOGRAFIA EM HISTÓRIA ORAL. In: Revista PROJETO HISTÓRIA, No 10: 29/40, São Paulo, 1993.

VITRINE

PRIMEIRA VERSÃO

NA INTERNET

Consulte o site e leia os artigos
publicados

*servidões há que em mim se fazem vivas asas de ar
solto vaporoso inútil quantas escravidões dentro no
peito tontas vãs solidões de mar profundo
os olhos postos na janela aberta são jóias esquecidas
de defunto sete vezes sonhou abrir a vela
sete vezes sumiu sob seu canto hoje o céu secou no
olhar do pássaro o azul não passando da
surpresa (na ferrugem a memória do aço)
mora agora em tudo um pouco de morte no corpo
velho a enterrada criança tenta sonhar / em vão
/ já é tão tarde*

CARLOS MOREIRA